O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semest. — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

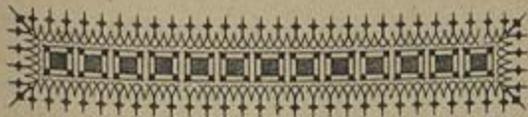
22.º Anno — XXII Volume — N.º 735

30 DE MAIO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Sahiram as esquadras; mais se ficou falando.

Longos artigos se publicaram, que em quatro palavras se resumem: — Desconfiemos de tanta festa.

É da sabedoria das nações.

No dia 11 é esperada a visita da esquadra franceza. Mais salvas, mais jantares, mais saraus, mais brindes, mais amigos, mais discursos, mais confusões.

As bandeiras de tres das mais poderosas nações navaes do mundo fluctuaram ás brisas do Tejo. Saudaram-as como amigas os navios portuguezes e entre elles o *Adamastor* de volta de sua viagem aos portos do Brazil.

Tambem essas festas, com que a tripulação do cruzador foi recebida em todas as cidades brazileiras onde aportou, teem dado que falar.

A politica em tudo se mette e, porque ainda se não sabe quando fecharão as camaras, talvez por semanas ou mezes terão uma terrivel rival as conhecidas senhoras visinhas, as comadres ralhadoras.

Se ao menos se descobrissem verdades!...

Mas quantas e quantas discussões inuteis no parlamento, que um só clarão não deitam sobre tantos pontos escuros! Estamos em terra d'oradores, é termos paciencia. O dom da palavra é raro; mas trivial o dom das muitas palavras.

Notabilissimo orador, dos bons, dos grandes dos que alguma vez conseguiram convencer, levar comsigo as opiniões, desviar os votos do caminho marcado, foi esse, reputado o maior da peninsula, Emilio Castelar, cuja morte acaba de enlutar a Hespanha.

Um telegramma trouxe a Lisboa a inesperada noticia. Á uma hora e meia da tarde do dia 24, um ataque de dyspnéa, puzera um termo aos soffrimentos do antigo ministro da republica, de cujo talento maravilhoso são prova os seus discursos no parlamento e muitas obras que deixou no mais puro e cinzelado castelhano.

A Rainha Regente mandou apresentar os seus pezames á familia do fallecido, cujo corpo foi transportado de Murcia para Madrid, onde lhe foram prestadas todas as honras funebres.

Temperamento ardente de peninsular, foi na tribuna um verdadeiro athleta.

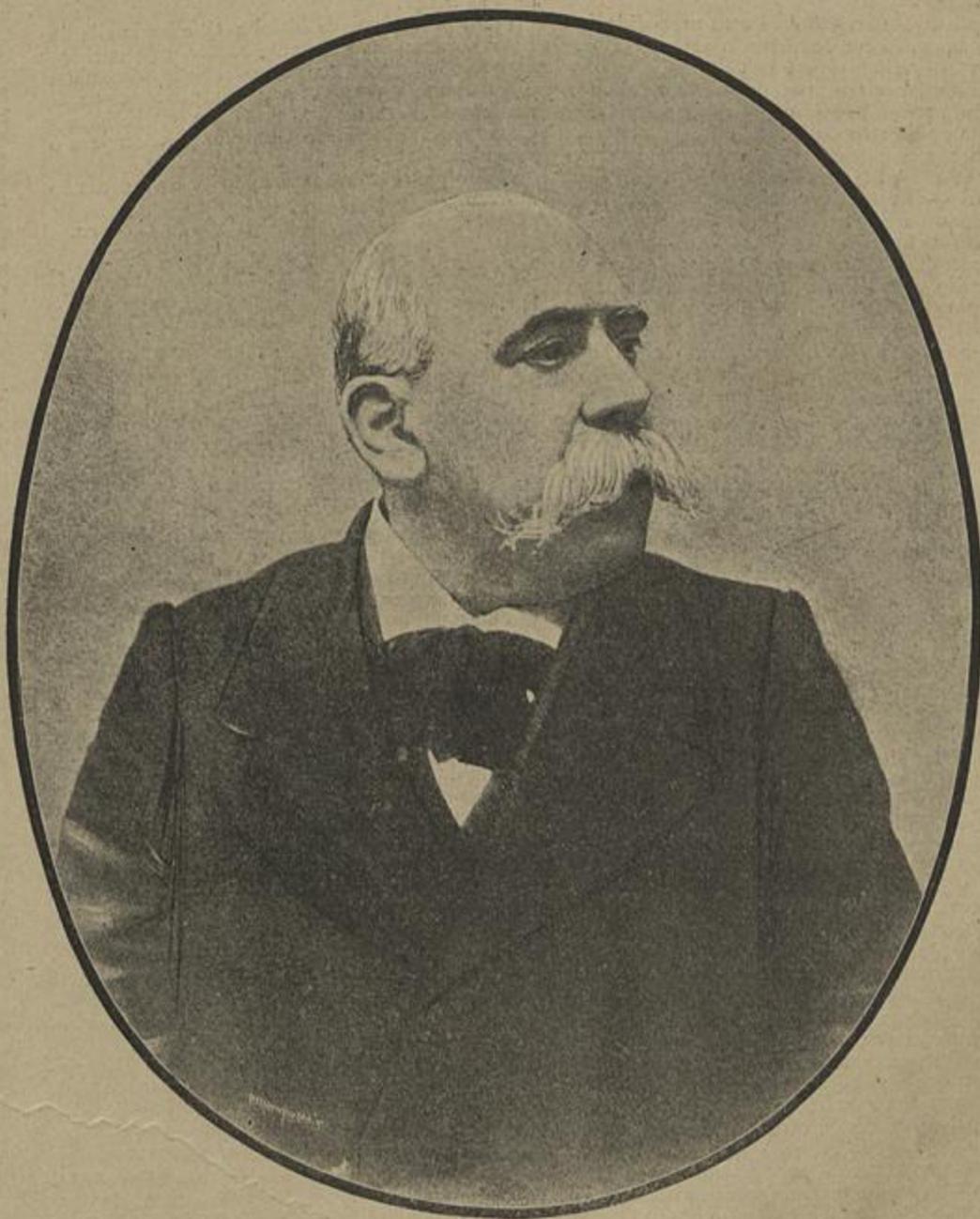
Alguns d'esses não seriam por aqui demais, se viessem de quando em quando dar uma certa luz ao ramerrão semsabor.

Quando fecham as nossas camaras ainda se não sabe, mas ha de haver deputado, que, em meio dos calores que vão cahindo, se lembre saudoso da provincia, das frescas fontes, das tilias frondosas, das hortas onde a agua canta nos regueiros.

Lisboa vae emigrando aos domingos para todos esses arredores, onde se encontre uma sombra, a cantiga d'uma fonte, um sopro de brisa perfumada á hora do sol posto.

Cintra, mais que qualquer outro ponto, é o grande attractivo da estação que vae correndo. Começou já na villa e nas quintas a grande animação. Os Pisões, Setiaes, a estrada da Estephania enchem-se de passeantes todas as tardes. Da montanha, coroada pelos nevoeiros, descem murmurios frescos de agua saltitante entre o granito, rumores carinhosos de folhas verdes, gemidos plangentes de pinheiros vetustos.

Na linha de cintura, na de Cintra, na de Cascaes, correm apinhados de gente os comboios. Grande alegria dos passageiros n'esses domingos cheios de luz. Leva-os a ideia d'um jantar alegre nas hortas, d'uma burricada sob as copas dos grandes ulmeiros por onde trepam musgos e fetos, d'um bocado de sorte n'um numero rodeado.

Mas isto é que já não é só do verão. No Estoril e em Cascaes as roletas funccionaram durante

D. EMILIO CASTELAR — FALLECIDO EM 24 DO CORRENTE

todo o inverno e até o ultimo comboio adquiriu a alcunha de comboio dos batoteiros.

Noticias de bailes e festas já as não ha que esperar senão d'essas villas pittorescas, séde dos ricos no verão, inveja dos mais pobres.

Entretanto duas festas de estrondo ainda houve por despedida: o concerto de amadores de musica na grande sala da Sociedade de Geographia e o grande baile offerecido ás senhora no Club de Lisboa.

Para distrahir os espiritos atrophiados, um pouco pelo calor e muito pela semsaboria, nem sequer o Verissimo, guarda-portão do 93 da calçada do Marquez d'Abrantes, tão falado agora a respeito do crime do Bigode, quiz continuar a entreter com patranhas as phantasias. Deram com o homem em doido e lá está para estudos em Rilhafolles.

É no outro hemispherio inverno agora, e, por isso, muitos dos que trabalham em arte vão afivelando as malas para uma breve partida para o Brazil.

No dia primeiro de junho parte para o Rio de Janeiro o nosso grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, que vae acompanhando um grande numero de objectos de louça das Caldas, de que deseja fazer exposição, levando entre elles aquella esplendida jarra Beethowen, uma das ultimas maravilhas sahidas d'aquellas mãos portentosas.

No mesmo paquete seguem Sousa Bastos e a sua companhia, que durante este inverno funccionou, salvo poucas excepções, no theatro da Trindade

Emquanto este não reabre com o *Ali Baba*, desempenhado pela companhia de Reis Taveira, vai o publico concorrendo aos espectaculos da companhia Giovannini no Colyseo das Portas de Santo Antão, onde por vezes lhe tem sido dado applaudir o notavel barytono portuguez, Francisco de Sousa Coutinho, que ali se estreou, ha dias, entre milhares de applausos, nos *Palhaços* de Leon Cavallo.

A companhia, que viera do Porto precedida de muita fama, tem aqui confirmado seus creditos, com um variadissimo repertorio.

Já nas esquinas estão pregados os cartazes que annunciam para o proximo dia um a estreia da companhia do theatro do Principe Real do Porto, que, com alguns artistas que não acompanham Sousa Bastos ao Brazil, — Augusto e Rosa Paes entre outros — ficará, durante o verão e inverno, funccionando no theatro da Trindade.

O *Ali Baba* obteve no Porto extraordinario exito e é explendida a musica de Lecoq, que Cyriaco de Cardoso ensaiou magistralmente e que é cantada por Angela Pinto e Carmen Cardoso, duas estrellas sem contestação. Outros papeis distribuidos a Augusto, Rosa Paes, Santinhos, Thereza Mattos etc., asseguram a continuação do triumpho. A peça foi meticulosamente ensaiada por Affonso Taveira, que é dos nossos melhores directores de scena para este genero de peças muito movimentadas e de muita comparsaria.

Pouco mais no verão teremos que ver, mas já muito se vai falando, entre interessados, no repertorio com que para a futura epoca se apresentarão as differentes companhias.

Bello exemplo lhes foi Lucinda Simões, dando a conhecer ao publico portuguez a mais famosa peça de Ibsen, a *Casa de Boneca*. Mas no vasto repertorio do grande dramaturgo muitas outras peças existem, cujo exito é seguro, desde que o publico se vá educando para que possa perceber o que a má interpretação de alguns criticos, nem sempre sinceros, pretendem apresentar-lhe como nebulosamente symbolico.

Tres peças d'Ibsen são hoje conhecidas em Lisboa: os *Espectros*, representada por Novelli, a *Hedda Gabler* pela Duse, a *Casa de Boneca* por Lucilia Simões. Ibsen já não é um estranho e até já pode ser classificado entre nós como um vencedor.

No repertorio do theatro sueco, russo e allemão ha peças famosas hoje no mundo que bom seria nos fossem dadas a conhecer. Apenas Sudderman, o auctor famoso da *Magda*, o romancista do *Moinho Silencioso*, foi traduzido para portuguez e applaudido, embora com immerecida reserva.

Não é justo o que muitos pensam sobre a maneira de dirigir os espectaculos theatraes conforme o gosto que o publico for demonstrando pelo genero que se lhe apresente. O publico deve ser educado pelos artistas ou estes, em breve espaço, achar-se-hão sem repertorio a explorar deante d'uma platéa a quem sempre apresentaram o mesmo prato, com molho mais ou menos avariado.

Um ou outro fiasco é certo. Dois contou agora Gabriel d'Annunzio, embora lhe fossem as peças representadas pela Duse e pelo Zacconi. Um desastre em que uma empreza perde umas centenas de mil réis pode preparar-lhe o caminho para um triumpho e lucros de muitos contos.

Queda grande foi a do *Amigo Fritz*, quando pela primeira vez se representou no theatro de D. Maria, e essa mesma peça, não já outra dos mesmo auctores ou genero identico, teve um exito famoso em epocas subsequentes.

Um dito de Sarcey, o celebre critico francez, ha pouco fallecido, deu volta ao mundo e é repetido como aphorismo por muitos emprezarios promptos sempre a moderar os impetos de quem pretenda afastar-se do ramerrão doentio.

«Uma peça, deve ser escripta para um grupo de vinte escolhidos e para os homens e mulheres.»

Mas é de vêr que Sarcey não disse: homens e mulheres... idiotas.

Veremos o que nos dá o inverno. O verão promette não ser máo de todo, muito embora o tempo já vá mais para os toiros que para os theatros.

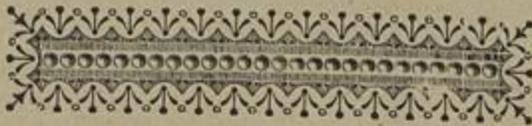
Mas aqui é que o caso se torna notavel Se não ha theatros sem peças, como pode haver toiros sem toiros? Mas é assim. Organisa-se um programma com toda a cautela, optimos cavalleiros, espadas hespanhoes famosos, bandarilheiros de nome, picadores de vara larga, mas os toiros... estão todos falsificados.

Será possivel! Quer-nos parecer que sim. Se até já se falsificam ovos!... Tudo, tudo se falsifica!

Quatro moscas amigas viviam na melhor das harmonias. Manas talvez, como irmãs se queriam. Uma d'ellas era gulosa, comeu assucar, mas este estava falsificado e a pobre mosquinha morreu nas maiores convulsões. Uma outra bebeu leite, mas o leiteiro era sabio e a pobre mosca expirou com indicios certos de envenenamento. Ainda uma outra, com muita fome, provou um bocadinho de manteiga; mas entre dôres atrocissimas foi para o Campo Elisio das moscas fazer companhia ás irmãs.

Ficou a mais nova sósinha. Que havia ella de fazer sem as suas companheiras de toda a primavera? Era uma tristeza immensa! Felizmente n'um pires, como a tental-a, viu um pouco de papel mata-moscas. A idéa do suicidio veio-lhe immediatamente. Findaria o martyrio. E voou para o veneno.

Mas o papel estava falsificado... e a mosca não morreu.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

EMILIO CASTELAR

Foi quasi surpreza para todos o telegramma publicado nos jornaes de sexta feira, 25, annunciando a morte do mais notavel orador peninsular, do homem de lettras illustre, do honestissimo politico, que se chamou Emilio Castelar.

Mal se houvera tido noticia da doença, uma broncho-pneumonia a que se seguiram fortissimos ataques de dyspnéa. Ninguem esperava para tão cedo um tão cruel desenlace.

Depois de haver recebido os soccorros da egreja, Castelar morreu tranquillamente, á uma hora e meia da tarde.

A Rainha Regente encarregou o governo de apresentar os pesames á familia do fallecido, a cujo corpo, transportado de Murcia para Madrid e levado para a camara dos deputados, foram prestadas as devidas honras funebres.

Tribuno brilhantissimo, dotado das mais extraordinarias faculdades que definem o verdadeiro orador, foi nas discussões politicas que Emilio Castelar conquistou o nome glorioso. Mas era tambem um publicista notavel e os muitos volumes que deixou escriptos são gloria da litteratura castelhana.

Era membro da Academia hespanhola desde janeiro de 1879 e da Academia de França desde 1895.

De muito novo as agitações politicas de Hespanha tiveram n'elle um campeão devotado. Desde 1854, contando então apenas vinte e dois annos de edade, mostrou suas tendencias republicanas.

Em 1864 fundou a *Democracia* e perdeu o logar que por concurso obtivera de professor de historia e philosophia na universidade de Madrid.

Em 1866 tomou uma parte activa na revolução, que o marechal Serrano conseguiu suffocar, mas todos o haviam visto valentemente nas barricadas. Foi condemnado á morte, mas conseguiu escapar-se para a Suissa, estabelecendo-se mais tarde em França, d'onde regressou á patria por occasião da revolução de setembro de 1868.

Até á queda de Amadeu, Castelar luctou sempre pelos seus ideaes republicanos. Seu nome era já conhecido no mundo inteiro.

Depois da abdicação do filho de Victor Manuel, foi Castelar eleito ministro dos negocios estrangeiros e nomeado presidente do conselho.

Agitados foram esses tempos e pela desarmonia existente entre as diversas facções republicanas, Castelar em 7 de junho de 1873 pediu a demissão. Poucos mezes esteve fóra do poder, entrando de novo para o ministerio em setembro d'esse mesmo anno.

No poder ou fóra d'elle, as altas faculdades de Castelar revelavam-se sempre por forma brilhantissima. Em Italia e França, paizes que percorreu em 1874, foi acolhido por todos os homens mais illustres, como o mereciam seus talentos e virtudes.

Retirado da vida activa, conservou-se fiel aos seus principios.

«Abdiquei o meu officio de tribuno, assim como o meu caracter politico e circumscrevi-me ao papel de publicista,» escreveu elle no seu ultimo manifesto aos eleitores de Murcia, que o convidavam para voltar ao parlamento.

Mas Emilio Castelar, que assim despresava glorias de tribuno, insigne se tornou em toda a sua vastissima obra escripta em muitos annos de labor assiduo.

A Hespanha chora a morte d'um de seus filhos mais queridos. Os tempos angustiosos que vai atravessando devem-lhe multiplicar a pena de tamanho desastre.

FLORES DE PRIMAVERA

Encantador quadro é o que temos ante os nossos olhos.

Flores de primavera, como sois lindas! O sol ainda não é tão quente que vos queime as mimosas petalas; outras flores mais se crestam com os seus raios, como aquella que d'elles resguarda a mimosa face.

É outra flôr não menos bella do que as que sobraça no seu regaço; é a flôr da edade, a primavera da vida. Tão louçã uma como as outras. Todas respiram a mesma vida, todas se amam e para amar vivem.

O amor é a vida.

TYPOS HESPANHOES — A CASTANHEIRA DE MADRID

O estudo dos diversos typos das grandes cidades apresenta curiosidade e dá ensino pelas comparações que suggere.

Os artistas de todos os paizes teem enriquecido com as suas illustrações muitos albuns de costumes populares, que merecem sempre grande apreço dos nacionaes e dos estrangeiros.

Dos typos das ruas, na peninsula, destacamos hoje a castanheira madrilena, que a nossa estampa representa, dentro do seu pequeno estabelecimento, toda risonha e fresca, e attrahindo tanto o traseunte pelo sabor do apreciado fructo dos soutos como pela sua graciosidade natural de vendedeira. Comparando-se com a *assadeira de castanhas* da nossa capital são grandes as differenças que se notam. Em geral, aqui, a assadeira não tem estabelecimento proprio; anicha-se a um lado da porta de entrada de qualquer taberna, onde o vinho convida os bebedores a entrar e onde a falta de um *petisco para fazer bocca* é obviada por dez réis de castanhas assadas. Tambem, geralmente, entre nós, a assadeira é uma velha, que só ás vezes se faz notar pelo fumo expesso do fogareiro, ou pelo crepitar do sal que lança no lume para o espertar e azular a casca das castanhas, dando-lhes aquella *flôr* que os gulosos tanto apreciam.

Mas quem não gosta de uma castanha, saborosa, bem assada! E lá n'essas provincias fóra, quem não assiste jubiloso a um *magusto* em dia de S. Martinho! E quantas vezes lhe não estala a castanha na bocca, quando soffregamente a retira da fogueira? Que scenas tão risonhas se não dão! Quem tiver assistido a uma festa semelhante que o affirme, que melhor é proval-o do que julgal-o.

Ainda uma variante, e com ella terminamos estas rapidas linhas que acompanham a nossa estampa, da vendedeira de castanhas assadas, é o homem das *quentes e boas!* que de cesto pousado no chão, offerece sortes, ou apregôa com insistencia *dez réis vinte!*

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Continuado do n.º 734)

V

Na segunda metade de 1876, saía Costa Lima da capital do Douro, pâra vir exercêr em Lisbôa o elevado cargo de directôr do Asylo de D. Maria Pia, de que pediu exoneração, antes de findar um anno, por não concordar com desperdicios e pontos de administração, que pertendeu corrigir e melhorar.

Na intenção de crear melhor carreira, dedicando se ao commercio de logista, partiu em seguida pâra Paris, onde fêz um sortimento de quinquilharias e objectos de bom gôsto pâra brindes e fins diversos, e veiu estabelecêr-se na rua do Côrpo Santo.

Em pouco tempo, transferiu esta loja, e foi montar, na rua do Ouro, outra do mêsmo género, denominada *Casa das Variedades*, que egualmente trespassou, decorridos mêzes, seguindo novamente pâra o estrangeiro. Ocorreu isto em 1879, do que nos dão testemunho certo uns versos do seu album, datados de Antuerpia, em junho dêsse anno.

Intitulam-se: *Recordações da minha terra*, e, como taes, são um esbôço retrospectivo de alguns quadros da sua meninice.

Eu vejo-te, ó minha terra,
P'lo prisma da minha infancia,
Num vale, encostada á serra,
Tôda frescura e fragrancia,

Onde o sol, como em gracejo,
Ao vêr-te tão bella, em maio,
Lá do ceu te manda um beijo
E uma flôr em cada raio.

. . . .

Como paga dêste anceio
Só te peço, ó chão da Feira,
Sete palmos do teu seio,
Na minha hora derradeira.

E ahi está o indivíduo, que a tôdos abismava com a inconstancia do seu labutar e com as exterioridades do seu genio folgasão, a gemêr melancólicas lembranças da terra natal, no torvelinho de uma das mais formosas cidades europeas, onde o negocio, a que ia, e as diversões locaes lhe deviam ocupar o tempo e a imaginação!

Admiravel organisação a dêste incongruente em tantissimos pontos da sua vida!

Desembarcado o sortimento, com que se tornou a Lisbôa, veiu Costa Lima estabelecêr-se, ainda uma vêz, na mêsma rua do Ouro, primeiro quarteirão, ao vir do Rocio, numa loja, a que pôz o nome de *Casa de Berlim*, onde se demorou por três annos.

Em principios de 1883, já êlle, liquidada essa casa, tratava de voltar á vida de fotógrafo, apropriando o único andar do prédio baixo da rua do Arco Bandeira, n.º 136, esquina da travessa da Assumpção, pâra instalação do nôvo mister, a que ia dedicar-se, tencionando aproveitar máchinas e objectivas, que guardara da fotógrafia *Silveira*, mâs que pouco diziam com o progresso e aperfeiçoamentos dos aparelhos modernos.

A absoluta economia era de ha muito a sua norma de procedêr, embora as frequentes alienações dos seus estabelecimentos só lhe tivessem acarretado os prejuizos da instabilidade, pois sempre com elles lucrara mais ou menos.

Pouco tempo se demorou ahi porém, negociando os arranjos e obras, que fizera, com o fotógrafo Goes, que ainda hoje lá conserva a sua conhecida galeria.

Foi nessa casa, que pela primeira vêz nos encontrámos com o Lima, que, pelas suas maneiras aprimoradas, apesar de nos têr tirado um mau retrato, destinado á 1.ª edição das nossas *Horas Perdidas*, onde figura gravado, nos cativou dêsde logo.

Em tôdo esse anno descançou, e poetou, escrevendo, excepção feita dos versos, que citámos, do *Colono*, a melhor de tôdas as poesias avulsas, *Um conto á lareira*, a 4 de setembro, recitada por êlle, annos depois, no theatro da Trindade, e publicada em seguida pela livraria Tavares Cardoso.

Foi por uma dessas noites,
Em que a neve cae a flocos;
A chamma viva dos tocos
Resinosos, da lareira,

Ao derredor conchegados,
Moços sentados em sêpos
Velhos em bancos sentados,
Casa de antigo morgado,

Solar de velha nobreza,
Onde o pão é de quem quer
E quem quer se senta á mêza,
Que ouvi a seguinte história
Por bôca muito estimada.
Tenho-a aqui bem na memória,
Como hôje mêsmo contada.

E assim correm, num andamento de xácara medieval, 305 versos, formando um folhêto de 16 páginas, em que a lenda se ocupa de um fidalgo, que enlouquecêra, ao ouvir no hospital, onde enfermava a amante ludibriada, as queixas e maldições, que ella lhe votou nas vascas da morte.

O conto é narrado ao próprio filho do algôz, o fidalguinho, que não sabia que a alma penada do pae gemia, a certas horas, junto de um cruzeiro, que então se envolvia em mórbida claridade; e a narradôra é uma velha aldeã, que termina assim:

Se, quando por lá passar,
Vir a luz, e ouvir um ai,
Não se esqueça de rezar,
Que êsse louco era seu pae.

E visto que se não trata sómente de um panegirico, cuja feição exclusiva não é de bôa crítica, nem se adapta ao nosso modo de vêr, acentuaremos que ha senões gramaticaes e de construcção, encontrados aqui e alí, em tôda a obra de Costa Lima. Cotados porêm pela superficialidade dos seus dotes literários, mais lhe fazem realçar a inventiva e o mérito, e são de pequena monta, se se considerar que a absorção do seu espírito não podia sofrêr demasiada tensão, nem prolongar-se pelo continuo movimento, que as suas faculdades requeriam.

Do citado mêz e anno de 1883, encontra-se ainda no album uma curiosa poesia, que vâmos transcrevêr, porque é um original e verdadeiro apólogo de excellente quilate, denominado pelo autôr:

PRÓLOGO DE UM LIVRO

(Se eu chegar a escrevêr um livro)

Um dia um cedro frondôso
Ia soberbo, imponente,
Levado pela corrente
De um ribeiro caudalôso.

Um raminho de oliveira,
Tranzido de susto e mágua,
Ia ao lado, á tona d'água,
Seguindo a mêsma carreira.

— Onde vaes, ó pobresito?
— Pergunta o cedro arrogante
Ao ramo, que, a cada instante,
Vae temendo algum conflicto.

— Vou! — diz êste, sem orgúlho —
A' mercê de Deus e á sorte.
— Tu vaes, louco! achar a morte
No areal, por entre o entulho.

«Em quanto que eu, sôbre a relva,
Serei, onde fôr levado,
Pelo pôvo transplantado
Como gigante da selva!»

. . . .

Mâs... perde o cedro no jôgo,
Pois, tendo á praia arribado,
Foi feito em lenha a machado,
E consumido no fôgo.

O raminho, da agua á tona,
Têve as horas tão felizes,
Que aportou, lançou raizes,
Medrou, e... deu azeitona.

Apesar de sêr bem feito êste apólogo, conceituôso e bello, o autôr não cumpriu a promessa, que a si fizera, porque o livro, que posteriôrmente escrevera, e de que ao diante nos ocuparemos, levou prólogo diferente, quando os versos, que acabamos de citar, na figuração do sentido, lhe quadravam á maravilha.

Ia-nos escapando do mêz anteriôr outro manuscrito, com que o poeta castigou um façanhudo padre, que em altos berros pedia o restabelecimento da inquisição.

Não podemos tambem deixar de o transcrevêr, como testemunho, que é, dos sentimentos religiosos do autôr e do modo como tratava assumptos diversos, obedecendo sempre a um impulso de rectidão e justiça.

Que fé posso eu têr, diz, ó padre! que esperança
No Deus do teu sermão, um Deus tôdo vingança,
Severo, injusto, mau, um Deus de crueldade,
Num Deus, que não perdôa á fraca humanidade?
Como hei-de eu, ámanhã, pedir o teu conselho,
Se tu, bronco levita, insultas o Evangelho,
Prégando que é de sangue, injusta e só veneno
A lei do Redemptôr, do sábio Nazareno?
Quem foi que te ensinou que Deus, pâra grandêza,
Precisa um côrpo assado em lenha sempre acêsa?
Pôis é crivel que Tu, na cruz morrendo exangue
Pâra os homens salvar, queiras de homem o sangue,
Ó Christo, ó Redemptôr? Não creio, não? não creio!
No fundo da minha alma. . aqui, dentro do seio,
Palpita um não sei quê .. que me diz: — Crê! espera!
«Alem. . a eternidade, alem... uma outra era.»
E se eu fôr justo e bom, lá .. na hora derradeira,
Terá minha alma o ceu, sem ir... pela fogueira.

Esta repulsa justa e enérgica equivale a uma profissão de fé concisa e clara, duas qualidades inherentes á fulguração de uma idéa bem inspirada.

* * *

Os predicados, que Costa Lima possuia, em larga dose, como homem de sociedade, não constituem a nota menos recomendavel do seu perfil biográfico. Um passeio ao campo, um annos, uma reunião familiar, uma teatrada, um festejo e uma função qualquer tinham nêlle um elemento de ordem superiôr: pedreirava, se era preciso, servia de aderecista, carpinteirava, corria, barafustava, vendo tudo, prevendo tudo, desfazendo-se em anedoctas, em pilhéria e expedientes de tôdo o género.

A sua figura meã, leve e expedita era obrigada em tôdos os festins de amigos e afeiçoados e ainda de simples conhecidos; encheria um volume a narrativa dos acontecimentos, scenas e episódios de sua invenção.

Lembra-nos de uma vêz, em nossa casa e noite de entrudo, que se tinha projectado uma brincadeira qualquer, de que não nos recordamos, pâra regalo das pessôas, que concorrêssem. Nada foi preciso porêm. Costa Lima preencheu um programa completo, desfiando, por último, um fiel e magnifico rosario de cantigas características dos indigenas do Brazil, representando, vestido e caracterisado, um typico monólogo galégo, cantado ao piano, e pedindo-nos finalmente que pronunciassemos uma arenga ou uma recitação qualquer, que êlle se encarregaria da gesticulação.

Escondendo-se por detraz de nós, recuados os nossos braços pâra as costas e substituidos pelos dêlle, produziu um correcto accionado, em que entravam a limpêza do suor com o nosso lenço, o retorcêr do bigode, o ageitar da pêra, o puxamento do colête, o abotoar do casaco e outras minudencias, que provocaram gargalhadas e admiração.

Quer dizer, Costa Lima fizera de uma insignificancia muito conhecida, uma novidade e uma coisa de arte.

A propriedade do Beato, denominada a *Quintinha*, pertencente a Mattos Moreira, foi outr'ora um gremio de larga e festiva convivencia, onde á numerosa cohorte dos seus parentes se aliavam várias familias das suas relações, havendo, aos domingos especialmente, espectáculos, saraus dansantes, palestras e outras diversões ao ar livre e pela quinta fóra. Num destes festejos, chegou Costa Lima, já quando homens, senhôras e creanças estavam reunidos numa promiscuidade pitorêsca, encostados uns ás portas do terraço contiguo ao jardim, outros sentados junto dos alegrêtes, estes conversando e rindo e aquelles movendo-se em várias direções, num círculo radiôso, a que dava a nota musical a filarmónica de cavalaria 4 propositadamente contractada.

Não se assentara ainda no momento inicial da diversão projectada.

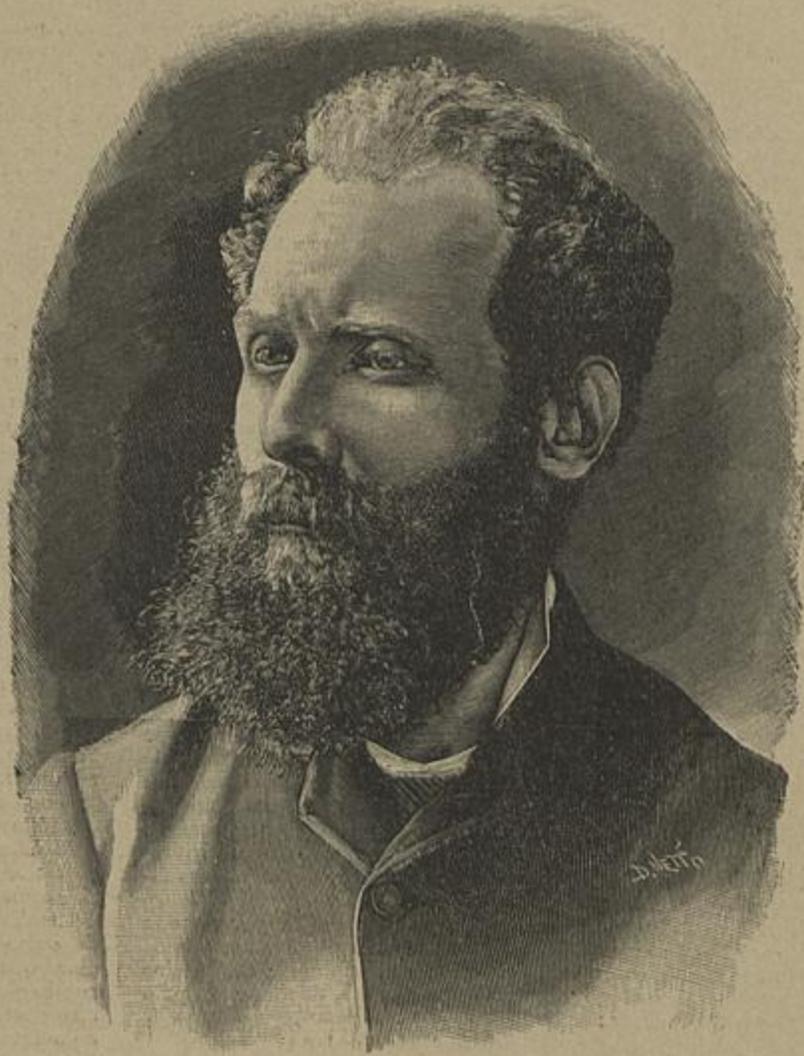
Olhares diversos incidiram sobre Costa Lima, quando êste, depois dos cumprimentos, a meia voz, perguntava simplesmente ao pintôr Mello Junior.

— Então que ha de nôvo?
— De nôvo? Ah! sim. Uma fatalidade pessoal.
— Heim? Uma fatalidade?
— Sim, homem. Morreu-me o... o canario.
— Coitado! Deus lhe fale na alma! — balbuciou o Lima, comicamente consternado, e elevando os olhos ao ceu — E que fêz você?
— Tenho-o no bôlso do sobretudo.
— Sim? Ó grande homem, dê cá um abraço.

Costa Lima não quiz ouvir mais, esfregou as mãos de contente, travou do braço do Mello, e entrou num quarto próximo.

(Continúa)

Sanches de Frias.

Anthero de Quental

Ao sr. Anselmo de Andrade

No dia d'hoje, a Academia de Coimbra, pretende honrar a memoria d'aquelle que foi «poeta, filosofo, critico, polemista, publicista e agitador politico», e que, n'uma fase da sua vida exercera tão intensa e fulgurante influencia no animo d'essa Academia; e mais uma vez vai ser estudada a psychologia d'esta estranha individualidade, algo exotica no nosso meio meridional.

Acompanhando esse intuito comemorativo, permita-se, n'este logar, a quem conheceu Anthero, um pouco de perto, este insignificante subsidio.

E' sabido de todos que Anthero sofria, havia mais de 20 annos, d'uma asthenia do systema nervoso, que por vezes não lhe consentia o aprumo do corpo, sendo assim forçado a conservar-se durante meses, deitado ou recostado. Do tratamento feito com especialistas em Lisboa e Paris, e á custa de certo regimen hygienico, que elle se impunha rigorosamente, conseguia largas temporadas d'um bem estar relativo, rehavendo certa actividade: tal foi, entre outras, a de parte do anno de 1887, passado em S. Miguel, até outubro, em que fomos companheiros de viagem para Lisboa.

Nunca foram, todavia, os males fisicos, que lhe sugeriram os desejos do *aniquilamento* voluntario, ou, servindo-nos d'uma sua expressão filosofica, de procurar o «*Não ser, que é o Ser unico absoluto*». A Dor da carne, nunca lhe mereceu uma referencia sequer, nos seus versos.

O que não quer dizer, que o Poeta fosse sempre o Homem. E se é certo que se pretende estudar este no interesse da Verdade, é conveniente relembrar o que elle pensava e escreveu a tal respeito. O «*Possesso*» (commentario ás «*Ladainhas de Satan*»), publicado primitivamente n'*A Folha*, é acompanhado da seguinte nota, evidentemente d'Anthero: «O nosso colaborador, que em tantos dos seus escriptos se mostra possuido da mais entranhavel crença na bondade e ordem providencial das eternas leis physicas e moraes do universo, não é por modo algum solidario com as desconsoladoras doutrinas que expõe n'estes dois sonetos. Uma coisa é o homem e o pensador, outra o artista para quem, dentro da verdade esthetica, todos os factos psychologicos tem valor egual, e a quem assiste o direito d'explorar indiferentemente o ceu e o inferno, a crença e a negação, quando tracta de definir praticamente os varios modos de ser da alma humana». E o soneto «*O Convertido*», publicado n'«*O Cenaculo*» (1875), é acompanhado d'esta outra: «O auctor propoz-se, n'estes versos, descrever um estado singular do espirito, muito caracteristico do nosso tempo, e não inculcar uma doutrina desoladora. Ninguem o pode tornar responsavel por sentimentos que não são os seus, embora sejam muito reaes, e com os quaes é tão pouco solidario, como o pathologista com o estado morbido que estuda e descreve.»

E aqui está como nem toda a obra poetica d'Anthero, foi «*vivida*», (segundo descreveram alguns criticos), como nem todos os sonetos corresponderam a estados varios do seu espirito d'elle (a julgar do sentido com que teem sido reproduzidos em alguns jornaes, singularisando o homem). Alguns dos seus sonetos, foram, por vezes, uma ficção enganosa, para os que não o tratavam de perto. Assim tambem por exemplo, os sonetos mysticos: «*A' Virgem Santissima*», e «*Na mão de Deus*». Aproposito d'este ultimo, mais de um admirador, e que estimava o homem, julgou-o salvo pela crença religiosa. Até um prégador, no pulpito (ouvimos dizer, valha a verdade) referiu-se por incidente a este soneto, tomando-o como a expressão d'um facto demonstrativo do poder da Fé, em espiritos d'aquella elevação. E, entre os que não conheciam o critico, quem não julgaria assim?

Mas... ai d'elle! e ai dos illudidos! O poeta que, n'um arroubamento, como quem sente em si uma estranha consolação espiritual, que não é d'este mundo, nos veio dizer como em revelação,

«Na mão de Deus...
Descançou *afinal* meu coração».

afinal... suicidava-se.

Este soneto, por todos decorado e que levantou algum ruido, tomei o sempre mais como do artista, que do homem. Pois quem mais impressivamente, em verso e n'uma breve palavra que encerra uma grande sinthese, nos patenteou a Vida, real e positivamente como ella é? Recordem:

DIALOGO

«A cruz dizia á terra onde assentava,
Ao valle obscuro, ao monte aspero e mudo:
— Que és tu, abysmo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em lucta cega e brava?

Sempre em trabalho, condemnada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, comtudo?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e horrida lava...

Mas a mim não ha alta e livre serra
Que me possa igualar!... amor, firmeza
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz!... tu és tristeza,
Oh lodo escuro e vil! — Porem a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

Quando n'uma conversa sobre os seus sonetos de consolação visionada, lhe opozémos este, recitado alli de cór e como quem sente n'elle a Verdade inilludivel, Anthero, passado o primeiro momento, em que nos encarou de surpresa, sorriu-se com o seu sorriso... de sceptico? Talvez. Da fortaleza d'animo, que encontrou no *Panpsychismo*, a ultima crença filosofica em que julgou ver a sua redempção, deu-nos bem a prova, a catastrofe occorrida volvidos quatro annos.

*

Se não foi a sua gravissima enfermidade, o que gerou então no animo d'este homem, a disposição de, para com as proprias mãos, destruir a sua existencia?

Anthero, vivia do espirito. Os gozos da animalidade, a vida sensual, que satisfaz por completo á maioria dos homens como premio da lucta pela existencia, estavam-lhe vedados pela atrofia, mais ou menos intensa, de orgãos importantes. Isto que seria desgraça mortal, para muitos, a elle não o perturbava. O que elle ambicionava era um destino para o seu ser subjectivo, para o seu espirito, mas um destino elevado e digno, justo e forte.

A necessidade d'um Ideal, era em Anthero condicção constitucional e immanente, na sua

FLORES DE PRIMAVERA

organisação moral. Desde o soneto de Coimbra, «*Em quanto outros combatem,*» encontra-se essa aspiração em toda a evolução do pensador e do poeta. (E de passagem direi que foi elle, nas «*Odes modernas,*» quem lançou a palavra Ideal, com a respectiva maiuscula: veja-se as troças allusivas de M. Roussado e outros na questão coimbrã.)

«O amor da acção e da lucta ideal... foi a preoccupação constante de Anthero de Quental» (J. Machado. *In Memoriam*).

«...Homem que só vivia para o pensamento... a verdade subjectiva era tudo para elle» (Alb. Sampaio. *In Mem.*) E exemplificando esta necessidade, recorda entre outras, a sua acção desinteressada no Federalismo iberico (1868), nas Conferencias democraticas (1871), no Socialismo (1876), «aventuras que tanto lhe sorriam» comenta elle.

A' medida que estas aventuras se tornavam improficuas nas suas mãos, Anthero, ia-se concentrando na Filosofia (metafisica? idealista?)

É certo que, em qualquer sociedade que este homem se encontrasse, havia de irrital-o a forma aspera, que em todas as classes, mais ou menos, toma a lucta pela vida. É assim a Natureza, elle o disse. Mas, peor ainda, foi o achar-se na sociedade portugueza da 2.ª metade do seculo XIX. Onde encontrar, entre nós, uma acção que fosse sympathica á sua actividade moral e pensante?

Sonhador, apathico, vivendo idealmente no mundo creado pela sua imaginação, olhava em volta de si, e os seus olhos encontravam

«...desertos, vacuo, soledade.»

A inercia forçada, a vacuidade do seu destino, trouxeram-lhe o Tedio da vida.

O desgraçado, quando sentiu claramente definidos os symptomas d'este terrivel estado morbido moral *(Tedius vitæ)*, peor para elle, mil vezes, do que os males do corpo, parece que ergueu os olhos, em sentido de esperança para o Alto. Entrava no Mysticismo?

*

O mysticismo d'Anthero, que se nos depara em alguns versos, julguei-o sempre (como já dei a entender), não como o producto d'uma crença com raizes na alma do homem (a exemplo da religiosidade de João de Deus), mas sim como a expressão poetica d'esta ancia vaga em busca d'um apoio fóra e acima da vida, natural e propria em todos aquelles a quem a Vida não satisfaz. O mysticismo puro, não poderia ter salvado Anthero, pela simples rasão de que o seu temperamento se lhe opunha.

Por necessidade hygienica, mas não menos por se achar mal entre os homens, isolou-se, refugiando-se n'um canto da provincia do Douro. Talhou, assim, para si um relativo ascetismo, calmo e tranquillo, saudavel para o corpo e para a alma. Os amigos começaram então de tratal-o por Santo Anthero.

E era um santo pela renuncia a toda a ordem de desejos animaes, pelo desprendimento de todas as ambições egoistas, que elle vencia pela sua fé no poder da Vontade e da Rasão. Esta Virtude, que elle tinha na conta de ser por excellencia, a dos fortes, era n'elle ao ponto de dominar, em parte, os fenomenos da Dor, não, produsindo uma cura no sentido medico, mas sim uma eleminação do mal para a Consciencia. Nos modernos tempos e entre nós, Anthero, foi sem duvida, um exemplo vivo, deste hyphnotismo pela auto-sugestão.

Mas o Santo, no sentido mystico, é mais alguma coisa, e o que lhe faltava para o ser, neste sentido (não para Roma é claro, mas para os mysticos), não podia elle satisfazer, porque não era um Egoista. Faltava-lhe a condicção da *Conformidade* pura; isto é, não estavam bem mortas ainda, no intimo do seu ser as nobres paixões humanas, de quem se sente, pela carne e pelo espirito, pertencer á Humanidade. Tinha ainda um Ideal que se realisava (se se pode dizer assim) cá na Terra: o Bem na Vida social. Quando os seus compatriotas, n'um impulso de indignação (1890), quizeram lançar a vida politica em caminho novo, claro e limpo, foram buscar Anthero para dirigir a cruzada, e o Asceta, o Santo, abandonou promptamente o ermo, não talvez muito confiadamente, mas de animo prasenteiro. E' que o antigo revolucionario não se tinha extinguido no mysticismo. E ainda bem.

Mas, estava escripto (como dizem os fatalistas) que a Anthero não lhe foram reservadas, nem as alegrias, nem as glorias de homem d'acção. Má fortuna ou defeito de temperamento? Até mesmo alguns trabalhos revolucionarios da sua mocidade o desgostavam agora, como, entre outros, a investida que elle apodava de brutal e sem respeito, para com Castilho, o venerando velho, a quem não se devia recusar o reconhecimento dos valiosos serviços prestados ás letras. Mais d'uma vez lhe ouvi o arrependimento d'este «fogacho de rapaz» Parece que o sr. Theofilo Braga tambem agora sente assim, a julgarmos pela franquesa com que defendeu, n'uma sessão da Academia, a admissão dos restos mortaes do Mestre no pantheon de Santa Maria de Belem.

Após a morte breve, por dissolução rapida, da Liga patriotica, Anthero vendo entristecido «os politicos a voltarem á sua politiquice, os indiferentes á sua indiferença, e os abstencionistas á sua abstenção» (Luiz de Magalhães, *In Mem.)* sentiu de novo o vacuo do seu destino. O pessimismo, que lhe vinha de longe, e que foi o estado d'espirito em que o sentir do homem teve a mais perfeita correspondencia na expressão do poeta, mais se acentuou e lhe escureceu a alma.

Vem apropósito dizer, que o sr. Thomaz Cannizzaro, no seu recente livro, traducção dos *Sonetos completos*, considera Anthero superior a Leopardi (assim m'o afirmou um meu amigo que já leu). De certo, aquella superioridade veio-lhe além do poder d'expressão, principalmente da verdade do sentimento.

Anthero, apoz o desastre da «Liga», resolve voltar ao ascetismo, ao unico que agora lhe sorria, lá muito ao largo, a 300 leguas de mar, na sua ilha natal, em companhia dos seus que lhe restavam, e para o resto da vida. Assim me declarou d'um modo firme e inabalavel, na derradeira vez que o vi e lhe falei, em um dia de junho do anno de 1891, na casa da rua da Fé, n.º 12, ultima que habitou n'esta Lisboa, que detestava. Elle embarcava no dia imediato. Com as despedidas apresentei-lhe a proposta do meu amigo o editor A. M. Pereira, (outro suicida, mas este pela febre do trabalho): desejava fazer uma edicção de todos os seus folhetos (comentados, querendo), em volumes, á imitação dos *Opusculos* de Herculano; e editar-lhe tambem a sua obra, *Tendencia geral da filosofia*, quando completa. Anthero annuiu gostosamente e parece que reconhecido, e prometeu enviar essas coisas ao passo que as fôsse acabando E apontando-me uma pequena mala de couro, disse-me conter unicamente os manuscriptos da *Filosofia*. «Destes manuscriptos não appareceu o menor fragmento no seu espolio» (Joaquim d'Araujo, *In Mem.)*

*

Referi-me ao lance do movimento nacional, que foi acordar no santo, no anachoreta, o antigo agitador politico. E concluindo sobre o malogro banal da tentativa, puz esta interrogação ácerca do homem: Má fortuna ou defeito de temperamento?

Sem duvida Anthero, não tinha o temperamento de Gambeta; mas havia tambem n'elle má fortuna.

Ora leia o meu amigo e sr. Anselmo este caso que lhe vou contar, de relação entre ambos e que, quasi tenho a certeza, que nunca teve opportunidade nas nossas rarissimas conversas, sempre ao acaso no relance d'um encontro: será esta passagem, raro conhecida, da vida d'aquelle fugido do mundo, o unico valor d'este meu escripto.

Anthero tinha-se salvado, para a vida dos seus e para a vida da patria, se esta sociedade tivesse conseguido fazel o interessar n'um trabalho que podesse exercer, com a serenidade exigida pelo seu nervosismo, e que reunisse tambem o ser do agrado do seu caracter e da feição do seu espirito; por outra, Bom e Bello.

E quer saber?... O meu amigo esteve para o salvar.

Em julho de 1888, achando-me accidentalmente no Porto, fui visitar Anthero á sua Thebaida ao cabo de Villa-do-Conde. Quer que lhe diga o que elle estava lendo?

—Schopenhauer, dirão para si, talvez alguns leitores.

Pois não, senhores. Lia Virgilio e Catullo nos originaes latinos! E parecendo-me entrever n'esta leitura, o refugir do seu espirito, da agitação do mundo moderno para o remançado bucolismo da antiguidade classica, emendou-me a interpretação que lhe fiz affirmando-me que estava ainda na vida moderna... modernissima... mais do que isso, porque estava na vida ainda por vir. E revelou-me (então sob certas reservas) o que o meu amigo de certo já está reconhecendo: que o ministro do reino (o sr. José Luciano) pensava em remodelar o curso superior de letras, convertendo-o em escóla normal do professorado secundario; qual o novo plano d'ensino n'essa escóla; da nomeação de Oliveira Martins, Antonio Ennes, do meu amigo, e d'outros homens de valor provado para as novas cadeiras de litteratura, historia e filosofia; do convite que elle tinha recebido dos trez por intermedio do meu amigo, para escolher uma d'essas cadeiras, e como optára pela de litteratura latina, passando Chagas para uma de historia (se bem me recordo).

Não quero deixar no escuro, que Anthero, n'um relance d'esta conversação me communicou, com um ar de reconciliado, que o sr. Theofilo Braga, déra pleno voto aprovativo á sua entrada no professorado, quando foi consultado o corpo docente do curso superior.

Durante a exposição que Anthero me fazia do novo plano de trabalhos, que o comprehendia, a radiação de agrado que lhe illuminava o rosto, deu-me alli a convicção que o seu espirito resuscitava, voltava á vida. Realisava-se assim, muito da sua aspiração.

—Muitos parabens, meu amigo. Vai entrar n'um trabalho glorioso muito digno de si: semear ideias justas e sãs, preparar as novas gerações dirigentes do futuro.

Notei-lhe, por estas ou outras palavras, mas muito cordeaes, a impressão que recebi. E proseguindo occorreu me frisar o que elle, de certo, não faria, por modestia; o parallelo aproximado do projectado instituto com o Collège de France pela acção que teriam Anthero e os seus companheiros, na vida moral da nação, semelhante á acção que exerceram em França, Quinet, Mickiewicz, e entre todos o seu querido Michelet.

Anthero, sorria-se do coração a este sonho, em via de realisação e que parecia destinado a restituil-o á vida e á gloria. E a elle, diga-se de passagem, não lhe desagradava a gloria, como tive ensejo de surprehender, em mais d'um lance da sua vida, desde 1871 (conferencias do Casino).

Mas o sonho, aquelle sonho, infelizmente teve de realidade sómente o bastante para o amargurar mais do que estava.

Os seus amigos, para salvarem o abandonado, de naufragar no mar do Tedio, atiraram-lhe de terra, um cabo, mas infelizmente para elle, sobrevieram circumstancias que annullaram a ideia inicial e... lá se foi o cabo e o naufrago.

Má fortuna, ou não?

Anthero, perdida a esperança de dirigir as ideias dos outros, voltou a ruminar as suas.

Dois annos depois, a Liga patriotica, acabava de lhe encher a medida da desconfiança, nos seus compatriotas e no seu destino. Faz então testamento (setembro de 1890).

Poucos mezes decorridos, recolhe á sua ilha, como disse, para não mais voltar. «Escolhi-a para sepultura a mesma terra que lhe tinha sido berço»; mas não que «levasse já d'aqui o destino tragico da sua vida amortalhada no seu segredo» (palavras do meu amigo: *In. Mem.)*.

Alexandre Herculano, quando virou costas ás gentes cultas, civilisadas e dirigentes, achou dentro em si o amôr á terra, e com esse amôr reagiu sempre contra o tedio; Anthero, comquanto fosse já proprietario rural por herança, não sentia, no seu modo natural de ser, interesse pelas coisas materiaes, mesmo nas da cultura dos campos, tão grato a altos espiritos, chegando a atingir em alguns a paixão absorvente.

*

Eil o (1891) confinado «na mesquinhez da vida de Ponta-Delgada» (Th. Braga. *Escorço biographico*). D'esta cidade, já em 1868 escrevia a Alberto Sampaio:—Esta vida desgosta-me. Vem o verão e com elle os mormaços. Na minha ultima conversação com elle, desaprovei a sua resolução de ir fixar residencia em S. Miguel, pela rasão da influencia do mormaço na sua neurasthenia. Como quem não recua um passo, limitou-se a observar-me aforisticamente, para se illudir a si, talvez, a mim não: A terra que nos dá o pão hade ser sempre boa mãe, (textual.)

O meu amigo, não sabe talvez o que é o mormaço. Chama-se assim lá nos Açores, ao estado atmosferico formado pelo nevoeiro cerrado e immovel, sobre a ilha, aquecido pelo intenso calor proprio da estação, compondo assim um banho de vapor, um banho russo, que nos involve, e que é tudo o que ha, climatericamente, de mais prostrador, de mais deprimente para o systema nervoso, e de mais estupidificante para o cerebro; o espirito cahe abatido como as vellas bambas d'um moinho sem vento; o *spleen* invade-nos e faz-se sentir como jámais o sentimos em regiões medianamente sêccas. Este estado atmosferico vem por intermitencias, e são os continentaes que verdadeiramente sofrem com elle.

Imagine agora a influencia dos mormaços n'aquelle desgraçado nevrotico!... Leu o meu amigo como esta influencia no caso pessoal de que se trata, foi estudada por Sousa Martins sobre os dados meteorologicos enviados pelo sr. José Bem-Saude *(In Mem.)*

Como se a conjuncção dos males que até aqui se tinham acumulado sobre aquelle organismo tão delicado, não fosse bastante, nova e imprevista contrariedade moral, cahe, como um raio, vindo acabar-lhe a já desconjunctada e debil jangada da sua vida em que mal fluctuava «Surgiram-lhe difficuldades, que no estado nervoso em que se achava o impressionaram fortemente» (Alice Moderno *In Mem.*).

Outro sonho desfeito! A ultima esperança, foi a ultima illusão! Olhando o mundo exterior

«Só vê com Tedio, em tudo quanto fita,
A illusão e o vasio universaes»

Resolveu então que esta angustia fosse a derradeira. Sentindo-se morrer lentamente, abreviou

o fim. Por um acto raciocinado, mas violento, destruiu a sua vida organica animal, pois que da outra podia dizer, como na resposta do seu soneto *Anima mea*.

A minha alma já morreu.

Estava liberto, emfim. Elle o disse:

Firo mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consolo. . Subverto, mas resgato...
E sendo a Morte, sou a Liberdade.

Entrava na «região innominada», na «comunhão da paz universal», no «silencio sem par do Inalteravel»; mas, da sua passagem na Terra, deixava este conceito que Alberto Sampaio lavrou, e que póde ser o seu epitafio:

«Em Anthero, a correlação constante entre as acções e as ideias, deram-lhe uma grandeza de caracter sem egual na nossa epoca».

20 — maio — 99.

Henrique das Neves.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO III

IV

DE COMO VIOLANTE SE ESCONDÊRA EM VENEZA

Voltei por isso a Veneza, onde soube emfim por um mercador de curiosidades que Violante ali tinha voltado. Mas novamente partira. Tão bem se escondêra que ninguem a tinha reconhecido.

Só se atrevêra uma noite a ir até á Praça de S. Marcos procurando a sombra de sua vida passada e para fazer uma oração na egreja que tanto amava. Logo, desde a chegada, refugiára-se no Ghetto, em casa d'uma rendeira, sua amiga, casada com um mercador de curiosidades, o tal que me confiou o segredo. Como essa mulher continuava fazendo ponto de Veneza ao modo antigo, pouco mais ou menos como os pintores de agora fazem Ticianos e Giorgiones, Violante retomára a agulha, decidida a viver do seu trabalho.

Gostaria de ter encontrado o seu fato velho para melhor apagar a vida luxuosa de mulher perdida; mas mandou fazer uns vestidos parecidos, com fazendas escuras, não querendo que nada n'elles fosse alegre. Tinha querido até cortar os cabellos em signal de luto e de abandono, não fosse a belleza relembrar-lhe destinos melhores.

Achou sua alma uns dias de paz, mas foi um socego ficticio. Por muito que o quizesse, não podia achar-se como já fôra.

Apossára-se d'ella a febre da paixão; batia-lhe o coração com mais força; um vulcão parecia que ter-lhe estalar na cabeça. A propria amiga mal podia reconhecel-a. Seu bello rosto já não exprimia senão o abatimento na tristeza. Nada na vida lhe sorria. Esperára que o ar humido de Veneza lhe temperasse o coração, que o trabalho a distrahisse, que o dever cumprido lhe voltasse a coragem; mas, á noite, deixava desesperadamente cahir os braços exclamando: — «Viver para quê?»

A desdita era o amor que ainda me dedicava. Breve lhe pesou ter deixado Paris.

— Quer saber? dizia ella á sua amiga, talvez volvesse a mim, porque me amava sem querer.

E punha-se a soluçar.

— Pois bem, disse-lhe a amiga, volta para Paris, has de encontral-o, vel-o-has feliz, e sel-o-has tambem.

Mas Violante meneava tristemente a cabeça.

— É tarde demais, dizia. E depois não quero rebaixar me tanto. Tive por mim a minha altivez, n'ella quero morrer.

E passavam-se os dias na monotonia do trabalho.

Cada dia via-a estiolar-se, cada dia descia ella um passo em sua dôr. A sua unica distracção era ir á missa.

— Amigos d'aquelles não enganam, dizia falando de Jesus e de Maria.

Pedira ao mercador de curiosidades que pendurasse, para que ella a visse sempre, no quarto de trabalho, uma *Familia Sagrada* atribuida a Bellini. Lembram-se d'aquellas suaves pinturas que vos acariciam pela effusão divina.

Violante comprazia-se ante aquelle quadro duas vezes sanctificado, pelo genio do pintor e pela egreja incendiada dos Irmãos Pregadores. Mas em vão lhe confiava as penas, a paixão humana era por demais violenta para que lh'a sacudisse da alma a consolação divina.

Cantava-lhe debalde a amiga as canções de que mais d'antes gostava, debalde procurou distrahil-a contando-lhe aventuras amorosas, debalde, para amparar-lhe a saude, ella fazia pratos apetitosos de cosinha veneziana; Violante mal sorria ás canções e mal tocava com os beiços na comida.

— Mal suppões, disse ella um dia á amiga, que, por um nada, mettia-me na gondola onde encontrei esse homem e deitava-me ao Adriatico com um ultimo adeus para elle.

Mas, por amor a Deus, teve animo para resistir ao suicidio.

— Não, disse ella um dia, não é isto o que devo fazer, mas sim ir ter com Antonio. Elle me ha de salvar. Não posso amal-o como a Paulo de Hauteroche, mas só como ao melhor dos amigos. Casará comigo. Não serei uma mulher perdida e morrerei na graça de Deus.

A rendeira mostrou lhe que o casamento não é a extrema uncção, que não era de generosa ir perturbar a existencia d'um pobre gondoleiro, que, decerto, já voltára o coração para outro lado. Como corrida não ficaria se, uma vez casada, o sr. de Hauteroche voltasse. Mas a mulher disse o que quiz, nascêra a idéa no cerebro de Violante e foi preciso obedecer-se-lhe. O mercador de curiosidades foi ao caes dos Esclavões saber se o gondoleiro Antonio continuava a apparecer por ali. Achou um rapaz alto, muito formoso e digno que não estava mais alegre do que Violante.

— Está doente? perguntou-lhe.

— Não, respondeu Antonio, tive um desgosto que deu cabo de mim; não sou já senão um fantasma.

O mercador de curiosidades desceu para a gondola e fez-se conduzir por Antonio até á loja, fazendo-lhe perguntas sobre os taes desgostos, pois que a mulher lhe contára a historia de Violante. Antonio não quiz abrir a alma; era o homem mais calado do mundo. Submettia-se ao destino sem uma queixa.

Violante da varanda do primeiro andar reconheceu-o de longe, embóra essa noite o não esperasse. Quando elle passou sob a janella, não poude conter um grito: «Antonio!»

Elle voltou a cabeça e empallideceu.

— Violante! Violante!

Precipitou-se, atravessou a loja e subiu a escada, pouco lhe importando os destroços que ia fazendo, pois quebrou tres ou quatro velhos copos de Veneza.

A pobre rapariga julgou a principio que achára de novo a felicidade, tanto a alegria de Antonio, n'elle se reflectia. Por isso não esperou pelo dia seguinte para dizer-lhe:

— Antonio, és um homem ás direitas e um coração excellente. Conservaste o meu amor, dou-te a minha mão. Casaremos no dia que tu quizeres.

Antonio desejaria que fosse logo no dia seguinte. Disse a Violante que a não deixaria um segundo que fosse, tanto receava que ella outra vez lhe escapasse.

— Passarinho malvado, disse lhe, tinha-te arranjado uma gaiola tão bonita!

Violante não poude deixar de comparar a tal gaiola com o pequenino palacete faustuoso que habitára comigo.

— Tem razão, disse; as gaiolas de vime valem mais que as gaiolas de ferro doirado.

Essa noite veio-lhe a fantasia de dar uma volta por Veneza na gondola de Antonio, em companhia da rendeira. Foi um passeio muito poetico. Antonio queria que durasse até de madrugada, tão feliz estava de ter achado o «seu bem.» Mas, ás onze horas, acabou o sonho, e Violante, que por um instante se perdêra em suas lembranças, voltou á realidade, dizendo á amiga: «Por melhor que seja a minha vontade não posso remediar o passado.»

Uma coisa deu cabo da outra. Não fôra eu, houvera, sem duvida, amado Antonio; mas seu coração fôra por mim até á paixão, e agora não podia apaixonar-se por Antonio.

Durante alguns dias Antonio veio vêl-a. A' primeira vez, deixou ella a agulha para se lhe atirar aos braços, mas, desde a segunda vez, nunca mais lhe deu um beijo. Elle curvava-se e beijava-lhe a testa. Nada mais. Falavam pouco. Violante parecia tomar interesse pela vida de Antonio.

— Conta-me tudo, dizia-lhe.

Antonio, sempre silencioso, depressa contava. Desde a viajata a Paris um só culto tivera: saudades; um só amor: a gondola. Para o gondoleiro a gondola é um ser vivo, um amigo que fala. Cada gondola tem phisionomia propria; cada gondola fala a sua lingua com as ondas. A gondola conhece o gondoleiro; não saberia caminhar com outro.

Quando Antonio falava, Violante não o escutava; toda ella era Paris e seu amor, ciumes, saudades, desesperos.

— Morrerei d'isto, disse ella muita vez á rendeira. Mas antes de morrer, quero lavar-me dos meus peccados; farei a minha confissão e desposarei Antonio. Deus levar-me-ha em conta este sacrificio.

E com uma piedosa mentira a pobre rapariga promettia dar felicidade ao gondoleiro. Dir-lhe-hia que só a elle tinha amado. E haveria de sorrir para esconder as angustias no peito.

Decidiu que o casamento se realisaria em Santa Maria dei Miracoli, cuja frontaria conhecem, tão alegre com seus marmores e arabescos. Antonio não podia crêr em tamanha ventura, nem Violante em dôr tamanha.

Na vespera, ao luar, alugou uma gondola e foi dar um passeio com a amiga. Como tudo lhe confiava, confessou-lhe que era o sacrificio superior ás forças de que dispunha.

— É entretanto, dizia, não era bem fazer a felicidade de Antonio, d'este excellente coração que sempre esperou por mim? Qualquer pediria consolações á ociosidade, elle refugiou-se no trabalho. Quero ter o animo da dedicação; serei esposa d'elle.

— Elle é que não voltará a si da surpreza, disse-lhe a rendeira, quando lhe appareceres, ante o leito nupcial, com a tua maravilhosa camisa que atravessaria o buraco de uma agulha.

— Cala-te, disse-lhe Violante. Essa camisa, a unica que ainda me resta, hei de queimal-a logo, antes de me deitar. Se a mulher não vai virgem, seja a camisa virginal.

Effectivamente, logo que Violante voltou a casa, pegou na camisa de cambraia guarnecida de rendas, que não valia menos d'uma noita de quinhentos francos, accendeu-a ao esquentador e viu-a arder muito silenciosa em frente da amiga que debalde lhe dissêra: «Dá-m'a.»

— Não, não quero dar-t'a, porque seria capaz de t'a pedir outra vez. Esta camisa, sabes a lenda, foi d'uma mulher feliz. Esta camisa queimava-me n'um fogo vivo. Era vestil-a e sentia em mim os labios de Hauteroche.

Violante juntou n'essa noite tudo o que lhe restava do luxo parisiense, fato e joias.

— Toma, disse á amiga, escolhe uma lembrança para ti; o mais teu marido que o venda e darei o dinheiro aos pobres. Nós seremos pobres tambem, mas d'esse pão não quero.

Quando se achou só no quarto, poz-se á janella e renovou o romance da sua vida. Era por uma d'essas lindas noites resplendentes de estrellas, que são como festas em Veneza. Canções ecoam ao longe; os gritos espaçados dos gondoleiros cortam o silencio; nas egrejas soam melancolicamente as horas.

— Ah! se elle aqui estivesse, disse de repente Violante com um suspiro.

Pois, meus amigos, eu lá estava ou pelo menos estava em Veneza. Corrêra todos os meandros da cidade aquatica sem dar com Violante. Falei-lhes, ha pouco, d'essa primeira viagem. Sim eu lá estava, mas procurára tanto que procurára mal. Deus não queria que eu tornasse a achar o meu thesouro depois de o haver deitado ao mar. Bem me lembro que n'essa mesma noite dei um passeio de gondola, observando todas as gondolas onde se escondessem dois namorados; mas, mais do que nunca desanimado, voltára para o café Florian.

Aqui, Paulo de Hauteroche calou-se para injuriar o destino. Porque não havia de ter encontrado Violante, visto que a procurava, visto que ella o esperava? É a eterna historia: quem se perde não torna a achar o caminho. Os passarinhos continuam a comer as migalhas do Petit Poucet.

(Continúa).

NECROLOGIA

FRANCISQUE SARCEY

Acaba de fallecer em Paris um dos mais poderosos criticos da moderna litteratura dramatica franceza.

O velho Sarcey ha muito que empunhava o sceptro, que muitos tentaram debalde arrancar-lhe.

TYPOS HESPANHOES — A CASTANHEIRA DE MADRID

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O imposto e o regimen tributario na India Portugueza, *por J. A. Ismael Gracias — Nova Goa — Imprensa Nacional* — 1898.

É um trabalho elevado, revelando o espirito esclarecido do seu auctor, o volume intitulado *O imposto e o regimen tributario da India Portugueza.*

No prologo d'elle dá-nos o sr. J. A. Ismael Gracias a razão do seu importante trabalho, escrevendo:

«Manda o programma vigente da cadeira de economia politica e direito administrativo do lyceu de Goa, que o professor, tratando de *impostos*, os *enumere, classifique e aprecie sob os pontos de vista economico e financeiro, com respeito ao reino de Portugal e especialmente ao Estado da India.*

Não havendo compendio algum para, nas condições designadas, servir de texto n'esta materia, tenho-me limitado a fazer resumidas prelecções que vão hoje á luz publica, ampliadas e coordenadas no presente volume, o qual, attenta a sensivel falta, entre nós, de publicações d'este genero e da diffusão do ensino economico, dedico:

á mocidade estudiosa — a mais sorridente esperança e solida garantia do porvir — pondo-a no caminho de se instruir n'este assumpto, não de mera curiosidade especulativa, mas de trascendente importancia pratica;

ao funccionalismo fiscal que, para bem preencher as suas obrigações, sem incorrer em erros deploraveis e nocivos á economia nacional, tem de se familiarisar com as sãs doutrinas scientificas, applicaveis á arte de administrar; e, finalmente,

a todas as classes contribuintes, que é indispensavel ir esclarecendo e costumando a interessarem-se no funccionamento do organismo financeiro, de que principalmente depende o bem-estar e o progresso do paiz.

Que acceitando a minha dedicatoria aquelles a quem a faço, perlustrem com attenção as paginas que vão ler-se: é o que espero, convencido de ter, no decurso das minhas lucubrações, procurado a verdade com os mestres que a ensinam, e cujas lições teem encaminhado e encaminham os governos mais adiantados.

Não compuz um tratado de impostos, tarefa propria d'um engenho superior; nem apresento o projecto d'uma remodelação tributária da India Portugueza, que exige uma obra meditada. Vulgariso apenas os principios fundamentaes; seguidamente esbóço a largos traços o nosso regimen tributario e, por fim, lembro a necessidade, unanimemente reconhecida, d'um plano que, acabando com as lesões constitucionaes de que esse regimen enferma, traga a nova seiva, regeneradôra e vivificante, para a evolução creativa d'um prospero futuro.

Será improficuo o meu esforço, esteril o meu trabalho? Confio que não. E mais tenho fé que as luzes e experiencia dos meus conterraneos, virão juntar a estes modestos estudos outros de maior alcance, como é opportuno fazer no momento actual, que está chamando para a reviviscencia da Patria todas as actividades. Por mim, dou o que posso: esta *contribuição*, proporcional ao meu escasso *reddito*, para o *Bem-Commum*. É um livro de boa fé e de boa vontade.»

N'esta transcripção pretendemos mostrar quanto perfilhamos as proprias palavras do auctor a respeito da sua obra e a muita consideração que a todos ella deve merecer, pela utilidade que possue.

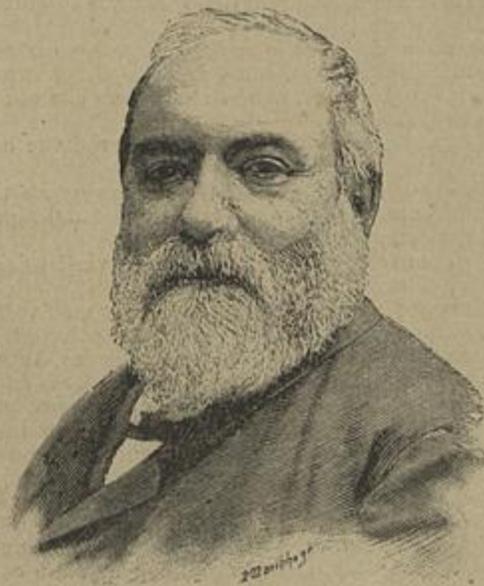
Seus artigos criticos eram anciosamente esperados pelos auctores, pelos artistas do theatro, por uma grande parte do publico que lia os folhetins do *Temps*, devotamente, como um evangelho.

Sua opinião tinha um altissimo valor e o velho parisiense, que adorava sobretudo o que fosse genuinamente francez, foi muita vez accusado de ter com o seu facciosismo emperrado o andamento da arte moderna.

Entretanto, força é confessal-o, não é possivel obter-se tamanho imperio, dar á propria opinião tal importancia, quando, a par d'um bom-senso notavel, se não seja dotado d'uma perfeita honestidade.

Inimigos teve-os Sarcey, e muitos, e de amedrontar, inimigos crueis que lhe não perdoaram, alguns nem sequer depois que a morte lhe arrancou da mão para sempre a penna. Mas uma legião de amigos defendia-o. Eram aquelles auctores que elle tornára conhecidos no mundo inteiro, os actores, as actrizes, os emprezarios, a quem elle passára diplomas, com que de cabeça erguida se apresentavam nos primeiros theatros da Europa e da America.

Muito escreveu Sarcey sobre os outros, muito os outros escreveram sobre elle, porque o velho *tio*, como lhe chamavam, era uma força. O seu nome ficará ligado por muitos annos á historia do theatro em França, isto é, á historia das artes do mundo, que todas cada vez mais se vão irmanando e o theatro francez em todas, boa ou má não sabemos, teve uma influencia notavel.

Francisque Sarcey nasceu em 1828, pelo que falleceu com 71 annos de edade, entretanto a sua bella apparecia de homem satisfeito e robusto fazia parecer que não tinha mais de 60 annos.

FRANCISQUE SARCEY — Fallecido em 11 do corrente

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa